

Os gringos estão por fora

O mundo dos jornalistas é pequeno. Funciona por indicações, que uns passam para os outros, sobretudo quando são mandados para o Exterior. Quem é que você conhece no Brasil, indaga o repórter de primeira viagem ao editor que por aqui já andou. O editor procura um velho caderno de endereços e dá a dica.

Um longo exílio e boas amizades colocou os telefones onde posso ser encontrado em muitos desses cadernos, tornando-me cicerone ocasional de colegas que desembarcam no aeroporto com 24 horas de prazo para entender a nossa barafunda e sobre ela começar a escrever, com a onisciência de quem aqui mamou o leite materno.

O primeiro a aparecer na CPI do Orçamento foi o Ulf Carlsson, que trabalha para um jornal sueco de nome tão complicado que não dá para decorar. Vinha doido para voltar à Praia de Ipanema, onde contava com a intermediação do Fernando Gabeira para entabular relações internacionais com alguma daquelas meninas de fio dental que se douram no Posto 9. Não chegou a tropecializar a cabeça.

A primeira palavra sueca que qualquer exilado brasileiro aprendia era "scat", que quer dizer imposto. O "scat" é uma espécie de mania escandinava. Mania ao mesmo tempo reverenciada e detestada, porque a contradição é uma permanência da vida, mesmo nos paraísos do Estado de bem-estar social. Todos os anos, a Receita fiscal publica uma lista com os nomes e endereços dos contribuintes e com a informação de quanto pagaram de impostos. Assim, cada cidadão pode controlar os outros e, eventualmente, denunciar sonegadores. Quem sonega vai para a cadeia, é claro, e ainda sofre discriminação social, porque fraudar imposto é considerado pior que matricídio.

Daí, a primeira pergunta do Ulf: como é possível um parlamentar se defender alegando que fraudou o Imposto de Renda ou que subestimou o preço de um imóvel para fugir do Fisco? A desculpa é aceita?

— Bem, se fôssemos aplicar as leis ao pé da letra, talvez não tivéssemos número para formar a CPI, expliquei. A Receita Federal diz que para cada cruzeiro que recolhe outro é sonegado. Os parlamentares são parte dessa cultura. Além do mais, a CPI é só para apurar quem roubou do Orçamento. Quem recebeu dinheiro de outra forma, fazendo advocacia administrativa para grupos econômicos, por exemplo, está fora.

Larguei o Ulf quando as respostas que poderia dar arriscavam denegrir a imagem do Brasil no Exterior. Não quero dar mais trabalho aos nossos diplomatas, que são cobrados pelo presidente Itamar quando não convencem os editores estrangeiros que matar presidiários e

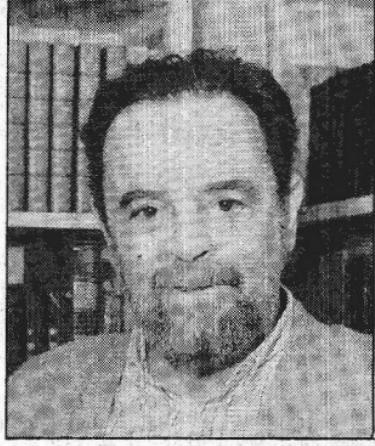
meninos de rua é uma função aceita nas PMs. Ele indagava se não nos escandalizamos com os salários dos parlamentares, que são 100 vezes o salário mínimo. Na Suécia, o leque salarial é de um para oito. Como explicar a ele que isso é um trocado diante do que ganham outros funcionários, inclusive no próprio Congresso?

Livre-me dele, mas não do Alistair Soames, velho amigo do Manchester Banner, especialista em barras-pesadas. Vinha do Haiti, o

que facilitava a sua boa vontade para com o Brasil.

— Tudo bem, disse o Alistair. Já entendi que o resultado dessa CPI é um avanço na vida política brasileira, que o fato de alguns ladrões terem saído da lista de cassações para a de investigações, que nunca se farão, têm pouca importância e que uma nova legislação vai impedir que se meta a mão no Orçamento tão escandalosamente. Só não entendi por que não se propõe punição alguma para os corruptos. Na Itália, até diretores da Fiat e presidentes da Petrobrás lá deles foram para a cadeia. Empresário, aqui, tem imunidade maior que os parlamentares?

— Olha, Alistair, meta uma coisa na cabeça: a Itália não é o Brasil. Nós só incorporamos uma coisa da cultura italiana, a pizza.



■ Márcio Moreira Alves é jornalista

Ulf indaga se não nos escandalizam os salários dos parlamentares, que são 100 vezes o salário mínimo